

Desprezar de dia, comprar à noite

Ruchir Sharma

Valor, 10/02/2026

Investimentos estrangeiros diretos nos EUA foram bem mais fracos que os investimentos em portfólio

Quando se trata dos Estados Unidos, investidores do mundo inteiro agora adotaram a postura “desprezar de dia, comprar à noite”. Viajando recentemente pela Ásia, Europa e Oriente Médio, chamou-me a atenção a intensidade crescente das queixas contra os Estados Unidos sob Donald Trump, das tarifas às ambições sobre a Groenlândia e o aparente desprezo pela antiga ordem global. Pesquisas mostram a mesma corrosão, com as opiniões favoráveis aos EUA despencando no mundo todo.

Então, voltei a Nova York, olhei os números e vi que, mesmo com a imagem dos Estados Unidos afundando, o dinheiro entra como nunca. No ano passado, estrangeiros despejaram cerca de US\$ 1,6 trilhão em ativos financeiros americanos, incluindo perto de US\$ 700 bilhões em ações - ambos recordes bem acima dos níveis dos últimos anos.

A história é semelhante no mercado de títulos corporativos dos EUA, com as compras estrangeiras em forte alta.

Com uma breve onda de um discurso de “vender a América”, em abril, os estrangeiros foram grandes compradores em todos os meses de 2025. Eles estiveram agressivamente “comprando na queda”, assim como os pequenos investidores americanos. De Cingapura a Seul, estão virando a noite para negociar em plataformas cada vez mais populares de negociação fora do horário regular dos mercados dos EUA.

Entre os poucos estrangeiros que ficaram de fora dessa febre compradora estavam os bancos centrais, que vêm deslocando recursos do dólar para o ouro. E o único novo sinal de cautela em 2025 foi que os investidores globais passaram a proteger (fazer hedge) uma parcela maior de sua exposição - inédita em tamanho - ao dólar do que no ano anterior. As instituições estrangeiras detêm hoje quase 15% das ações dos EUA, uma fatia recorde, e 50% maior do que há uma década.

Então, por que as pessoas comprariam tanto em um país que dizem desprezar cada vez mais? Uma razão é a inércia. Até recentemente, os Estados Unidos vinham superando de forma consistente o resto do mundo desde a crise financeira global de 2008, de modo que muitos investidores ainda correm atrás do desempenho passado. Passaram a assumir que “não há alternativa” a investir nos mercados americanos, dada sua enorme escala e liquidez.

O resto do mundo também continua impressionado com a liderança dos Estados Unidos em tecnologia. Embora os europeus sejam há muito tempo talvez os compradores mais entusiasmados de ações de tecnologia americanas, de forma notável a maior fonte individual de fluxos estrangeiros para os mercados acionários dos Estados Unidos no ano passado foi a Coreia do Sul, onde a febre por ativos ligados aos Estados Unidos ou à Inteligência Artificial é particularmente intensa.

Tendências de mercado não duram para sempre e o hábito de “desprezar de dia e comprar à noite” não deverá ser diferente. A mania por ações de Inteligência Artificial nos Estados Unidos levanta questões existenciais, já que não está claro quais companhias vencerão a corrida armamentista da IA, nem se elas serão americanas. A

China mostrou que pode competir, com alguns de seus modelos de IA oferecendo desempenho semelhante, a custos de treinamento mais baixos.

Se a febre da IA arrefecer, os ativos americanos poderão ser os mais duramente atingidos. Mais da metade do crescimento econômico dos EUA no último ano pode ser explicada pelos bilhões de dólares que empresas americanas estão investindo em infraestrutura de IA, e pelas ondas de capital que fluem para os ativos financeiros do país.

Enquanto isso, em resposta à dominância de mercado e à imprevisibilidade dos Estados Unidos, outros governos estão tentando diversificar seus riscos. Eles estão fechando acordos comerciais bilaterais e investindo mais em defesa e tecnologias locais. Apesar dos pesados fluxos de capital para os EUA no ano passado, os mercados do resto do mundo superaram o americano por ampla margem.

O impulso está ganhando força à medida que o crescimento acelera fora dos Estados Unidos. Neste ano e no próximo, espera-se que as economias do resto do mundo cresçam a um ritmo uma vez e meia superior ao dos Estados Unidos, ampliando essa diferença em relação a anos recentes. E, até 2027, os lucros corporativos médios - ou ponderados igualmente - devem crescer duas vezes mais rápido nos mercados emergentes, e 50% mais rápido em outros mercados desenvolvidos.

Os hábitos de consumo dos Estados Unidos dependem, mais do que nunca, do humor de estrangeiros. No ano passado, os ingressos de capital estrangeiro em carteira foram suficientes para financiar todo o déficit em conta corrente dos EUA - e ainda sobrar. A última vez que isso aconteceu foi na metade dos anos 2000, quando os mercados americanos não eram tão grandes, nem o déficit. A escala da dependência dos Estados Unidos do capital especulativo estrangeiro nunca foi tão alta.

Apesar de todas as críticas à América, os estrangeiros hoje detêm perto de US\$ 70 trilhões em ativos americanos, o dobro do nível de uma década atrás. E no ano passado, a maior parte desses fluxos chegou na forma de “dinheiro especulativo” (hot money). Os investimentos estrangeiros diretos em fábricas e empresas, que não pode ser retirado rapidamente, foram bem mais fracos do que os fluxos de portfólio para ativos como ações e bônus, que podem ser revertidos num instante. Se o mundo reduzir o ritmo de “comprar a América à noite”, o impacto poderá provocar um choque dramático nos mercados dos EUA. **(Tradução de Mário Zamarian)**

Ruchir Sharma é presidente da Rockefeller International. Seu livro mais recente é "What Went Wrong With Capitalism". Copyright: Financial Times.